
BRIGANTIA

REVISTA DE CULTURA

Diretor (a)
Ana Maria Afonso
•
Conselho Científico
António Rodrigues Mourinho
Ernesto Rodrigues
Francisco José Terroso Cepeda
Hirondino da Paixão Fernandes
Luís Carlos Ferreira do Amaral
Telmo Verdelho
•
Conselho de Redação
Carlos Prada de Oliveira
Élia Maria Mofreita Correia
Francisco Mário da Rocha
Isaura do Espírito Santo
Maria Idalina Alves de Brito
•
Editor e Proprietário
Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes
NIPC: 510957544
•
Redação e Administração
Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes
•
BRIGANTIA – REVISTA CULTURAL
Rua Visconde da Bouça
Apartado 238 – 5300-318 Bragança
Telefone: 273 327 680
Email: geral@cim-ttm.pt
•
Execução gráfica
TIP. ARTEGRAFICA BRIGANTINA
Rua Alexandre Herculano s/n
5300-075 Bragança
Telefone: 273 331 348
•
Depósito legal nº 24080/88
•
ISSN 0870-8339
•
Periodicidade: Bial
•
Preço: ??? €
•
Tiragem: ??? Exemplares

SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA.....	5
O Casamento de Pedro e Inês Ernesto Rodrigues.....	7-18
Viagens e perspectivas em Trás-os-Montes e Alto Douro Modesto Navarro	19-37
As feições portuguesas em Singularidades, de A. M. Pires Cabral Norberto Veiga.....	39-50
O Castelo de Miranda do Douro: intervenções arqueológicas Monica Salgado.....	51-70
As gravuras rupestres da Pena Abonida em Bruçó – arqueossiti o inédito Antero Neto	71-77
A talha setecentista das capelas das antigas terras de Penaguião e a pintura de Sedielos Armando Palavras.....	79-99
A arquitectura em Trás-os-Montes entre o tempo de D. Manuel I e as inscrições maneiristas Alexandre Rodrigues.....	101-119
Institutos Judiciais e Prisionais de Miranda do Douro: Documentos para a sua História António Rodrigues Mourinho.....	121-170
Património histórico-heráldico de Bragança concelhos de Torre de Moncorvo e Vinhais Sérgio Avelar	171-197
Locais Marianos no Caminho de Santiago – O Caminho Português do Nordeste Rui Alberto Lopes Feio.....	199-219
Nomeadas Colectivas em Trás-os-Montes: Espaços, lugares e tempos de nomeação, tipos sociais de ligação e tradução cultural Luís Vale.....	121-230
Entre dois tipos de fogo, o do lume e o da cicuta. Um inquisidor perspectivado na sua cultura Manuel Cadafaz de Matos.....	231-270
A Transmontaneidade de Thomé Rodrigues Sobral Maria Idalina Alves de Brito.....	271-291
Património eclesiástico de Thomé Rodrigues Sobral António José Alves	293-320
O coronel Albino dos Santos Pereira Lopo (Um Transmontano Digno de Memória) António Pimenta de Castro.....	321-345
Quando os anjos cantaram para Kurt Schindler Roberto de Moraes Afonso.....	347-369
A Presença Franciscana na Diocese de Miranda do Douro no Século XVIII – Contributos para o seu estudo Carlos Prada.....	371-382
A Administração do Concelho de Vila Real. Contexto e Documentos (1835-1939) Pedro Abreu Peixoto.....	383-404

BRIGANTIA	BRAGANÇA	VOL. XXXVII – XXXVIII	Pag. 1 – 732	2020 – 2021
-----------	----------	--------------------------	--------------	-------------

BRIGANTIA

REVISTA DE CULTURA

<i>A extinção dos morgadios em bragança: propriedade fundiária e morfologia social no século XIX</i>	
Leonardo Aboim Pires	405-424
<i>Médicos, Pandemia e Poder Político em Vila Flor</i>	
Aires Antunes Diniz	425-443
<i>Os caminhos da seda</i>	
Cristina Cordeiro.....	445-490
<i>Bragança – Os Últimos Anos da Monarquia</i>	
Francisco Terroso Cepeda	491-500
<i>Solidariedade e caridade das famílias transmontanas no pós Guerra Mundial 1947 a 1957: o acolhimento de “crianças cáritas”</i>	
Eugénia Aragão; Emídio Baptista; Elisa Ruano & Ana Afonso....	501-534
<i>Memórias do Salto: As memórias das mulheres emigrantes transmontanas</i>	
Melanie Lopes	535-546
<i>Correspondência entre Colégios Jesuítas: de Bragança a Braga, em 1587 e 1588</i>	
Ana Maria Leitão Bandeira	547-563
<i>D. Abílio Vaz das Neves e a carta a Salazar: Estado, Igreja e a questão da educação no ano de 1958</i>	
Sandra Vale	565-577
<i>Alguns considerandos sobre correspondências: Monsenhor José de Castro, António de Oliveira Salazar e Marcelo caetano</i>	
José Pereira Pinto	579-590
<i>Treze cartas de Guerra Junqueiro a José Gomes Monteiro: Para um epistolário</i>	
Henrique Manuel Pereira.....	591-608
<i>Património e Desenvolvimento: um conjunto de projetos e um exemplo</i>	
Fernando Ribeiro, Miguel Rodrigues & Sónia Isidro	609-621
<i>Terras de Trás-os-Montes, uma geologia singular, com rochas raras. Implicações nos georecursos e na flora</i>	
Elisa Preto, Rui Dias & Carlos Aguiar.....	623-632
<i>Sistemática, distribuição, ecologia e história do castanheiro em Portugal</i>	
Carlos Aguiar & João Tereso	633-651
<i>«A morte é perder a memória»</i>	
Francisco Máximo	653-670
<i>Reizinhos</i>	
Virgílio Nogueiro Gomes	671-674
<i>Izeda: Escola Profissional de Santo António (1963-1964)</i>	
José d'Encarnação	675-682
<i>Revista Brigantia</i>	
Cláudio Carneiro.....	683-694
<i>Trás-os-Montes na filatelia da República</i>	
Raúl Moreira	695-716
Notas Biográficas dos Autores	717-731

BRIGANTIA	BRAGANÇA	VOL. XXXVII – XXXVIII	Pag. 1 – 732	2020 – 2021
-----------	----------	--------------------------	--------------	-------------

IZEDA: ESCOLA PROFISSIONAL DE SANTO ANTÓNIO (1963-1964)

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Ingressei, no ano lectivo de 1963-1964, no corpo docente da Escola Profissional de Santo António, em Izeda.

Para mim, Trás-os-Montes era, nessa altura, algo como o 'fim do mundo', uma região aonde nunca fora e que para mim, criado na Costa do Sol, ambiente urbano por excelência, corresponderia a algo que eu não saberia descrever com exactidão. Da Escola Salesiana do Estoril eu passara, aos 12 anos, para o Instituto Salesiano de D. Bosco, em Mogofores e, daí, a partir do ano lectivo de 1960-1961, para o Instituto Missionário Salesiano de Manique (freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais). Em Cascais não nascera, mas essa fora a minha terra de adopção desde os quatro anos, altura em que meus pais, naturais, como eu, de S. Brás de Alportel, no Algarve, para ali vieram lutar pela vida.

É certo que já nessa altura eu tivera a dita de ser escolhido, para integrar, como um dos dois representantes dos alunos salesianos, a delegação portuguesa à solene inauguração, a 2 de Maio de 1959, da Basílica de D. Bosco, o fundador da Congregação Salesiana, em Cinecittà (Roma). Por isso, a viagem longa de Manique para Izeda não era novidade do ponto de vista de deslocação.

A nossa memória é, como se sabe, deveras selectiva e, por conseguinte, passados estes anos, pormenores importantes há que não gravei e, ao invés, insignificâncias foram capazes de se manter.

Tenho ideia de que fui de automóvel do Porto até Izeda. Parara nas Edições Salesianas, na Rua Pinto Bessa, uma casa que muito me dizia, porque bastante escrevera já para as suas publicações, algumas das quais vertera para português. Dessa viagem, recordo as 'curvas de Murça'. Lembro-me vagamente de me haverem falado da porca (que hoje sei o que é) e de existir por ali uma estrada romana – como que justificação para a estrada ser assim tão às curvas.

Ia para uma escola de correcção. Uma escola profissional dependente dos Serviços Tutelares de Menores. Estava tudo certo. Fora D. Bosco paladino dos trabalhos manuais como forma de ocupar os jovens e de os preparar para as lides futuras. Visionário, privilegiou o ensino profissional e as escolas salesianas cedo começaram a chamar-se de «artes e ofícios» e a terem as vertentes de «comércio» e «indústria» logo após o 2º ano preparatório. Por conseguinte, para mais fácil recuperação dos meninos internados numa escola de correcção, para além dos cursos habituais seguidos pelos seus colegas coetâneos, os estabelecimentos que os Serviços Tutelares de Menores entregaram aos

Salesianos passaram a ter essa designação: «profissional». Assim se concretizavam duas máximas: uma, a de se minimizar o labéu «escola de correção», «corrécios»; outra, a de encarar o futuro, uma profissão.



Fig. 1 - O logótipo da escola.

Em Izeda, havia marcenaria (se não erro) e tipografia. Esta, seguramente, a mais significativa. Primeiro, porque D. Bosco cedo considerara as artes gráficas da maior importância, por lhe permitirem a rápida publicação de livros didáticos; depois, porque, sendo uma escola do Estado, ali se passariam a fazer muitos daqueles impressos que, na altura, eram burocraticamente necessários. Recorde-se que uma escola semelhante, também ela entregue à gestão salesiana, a Escola Profissional de Santa Clara, em Vila do Conde, igualmente garantia ao Estado o fornecimento de muita da papelada oficial.

Mantive religiosamente um diário a partir de Dezembro de 1957, prestes a fazer 13 anos, até 1 de Agosto de 1963. Em Izeda, porém, nada fui registando do meu dia-a-dia.

Penso, hoje, que seriam tantas as ocupações que não havia oportunidade de passar a escrito alguma reflexão ou memória. Era a primeira vez que dava aulas e, por outro lado, considerava meu objectivo primordial apresentar-me, no final do ano, a exame do 7º ano no Liceu de Bragança. Não havia, pois, mãos a medir e escritos só os que fui enviando para o Social ou a *Juventude Salesiana*, órgãos da Congregação, algum livro que pude traduzir, a conclusão do livro de contos *Devagar, Coração...* Enfim, nada de deixar transparecer para um diário as inúmeras emoções novas por que ia passando. Ser aos 20 anos docente numa escola de correção!... Realiza-se facilmente que turbilhão não se viveria!...

Sei que me encarregaram dos ‘médios’, ou seja, os jovens dos 11 aos 13 anos, *grosso modo*. Aquela idade dita «do armário», em que se deixa de ser criança e se começa a julgar que já se é homenzinho. E se isso é dessa sorte em crianças normais, imagine-se o que passará pela cabeça de quem estava ali, preso, por ter roubado, por ter gravemente maltratado alguém, por ser, em suma, indesejável na sociedade. Tarefa ingente me esperava, porque, na verdade, eu passaria a estar com esses jovens – eram quase duas dezenas, não sei – vinte e quatro horas por dia. Exacto: eu dormia na camarata com eles. Apagava a luz a desejar-lhes boa noite, passeava-me depois serena e vigilantemente pelo corredor, até que a maioria estivesse a dormir e só depois é que me deitava. A minha cama ficava a um canto, separada das demais por cortinas de correr.



Fig. 2 - No recreio, em tempo de frio...

O frio. A primeira ideia que me ocorre, ao pensar nas noites, é a do frio que passei. Nesse ano de 63, foi bem rigoroso o Inverno por terras brigantinas. Eu que só tinha visto neve uma vez, aquando criança, andava na 4ª classe, acabei por a ver ali bastantes vezes. Houve uma semana com 8 graus negativos! Gelava-se nas aulas! No recreio, os meninos logravam fazer pequenas fogueiras para se aquecerem. Eu – lembro-me bem!... – por falta de cobertores bastantes, punha jornais entre dois e assim lograva não arrefecer de mais!

O ritual do levantar – eu tinha de me levantar mais cedo e punha despertador – exigia muita atenção para que tudo corresse sem atropelos: a ida ao lavatório, em ordem, o arrumar da cama e da roupa... Olho em todos os meninos e em todos os seus gestos...

Era, porém, acompanhado por uma algazarra que só ali se poderia ouvir: a dos negros estorninhos pelos beirais dos telhados. Que barulheira, santo Deus! Nada de semelhante aos pardais. Era muito mais forte e desregrado. Foram os estorninhos os meus primeiros animais de curiosidade. Os segundos, os corvos. Negros também eles. De voo lento, perscrutador, por sobre os lameiros...

Lameiro foi outra palavra que aprendi logo. As terras de cultivo, húmidas, verdes, frequentemente utilizadas só para pasto dos animais. Courelas pequenas, com dois ou três castanheiros, muradas...

Uma tarde por semana, saía-se de passeio pelos campos derredor. Lá ia eu com os meus meninos. Dizia-se que, anos atrás, alguns haviam aproveitado o passeio para fugir. E disso o padre conselheiro me avisou logo: cuidado!

Nunca nenhum me fugiu, nunca nenhum ‘saiu do rego’ – para usar uma expressão campestre. Afinal, eu era apenas um pouco maior que eles, podíamos confraternizar em harmonia. Um dia, um até me perguntou, vendo-me de batina, que era como nós nos vestíamos na altura: «O senhor é meio padre ou padre inteiro?». Era só meio, devo-lhe ter respondido eu. E tudo continuou a correr bem.



Fig. 3 - Instantâneo do autor com alunos (8 de Março de 1964).

Melhor corria, no entanto, em tempo de vindima e de castanhas. Não resistíamos a um bom rebusco. Tanto de uvas como de castanhas. Com critério e sem espalhafatos ou fossanguices. Sim, eu sei que não é lá termo muito próprio, mas... com ‘corrécios’, uma vez por outra, uma pessoa poderia usar um termo mais... do quotidiano!... E era um consolo vê-los entretidos a observar com atenção as parras, a perscrutarem se houvera cacho escondido por trás, que os trabalhadores tivessem deixado passar; ou a vasculharem o chão, afastando os ouriços, não fosse estar por ali castanhita escondida. Os bagos de uva comiam-se logo; as castanhas podiam trazer-se no bolso e comer no recreio... Sempre considerei o rebusco um dos melhores momentos da aprendizagem. Um teste à atenção, à organização da pesquisa, à disciplina. Assim como quem não quer a coisa.



Fig. 4 - Panorâmica sobre o empreendimento. Do lado direito, as oficinas.

Ficava a escola afastada da aldeia de Izeda. Pouco contacto havia, por conseguinte, com a população. Aliás, de um modo geral, a população não via os «corrécios» com bons olhos. Imaginava-os assassinos e ladrões em potência, até porque tinha sido o mau

comportamento em termos de exagero que os levava para ali. Claro, nós praticávamos o sistema educativo de D. Bosco. Estávamos no meio deles. Jogávamos com eles.



Fig. 5 - Já com o campo de jogos; a igreja em 2º plano.

Uma educação pelo exemplo. Na presença quase constante, que não inibe mas ensina sem necessidade de sermões. Que ‘sermões’ não se compatibilizam com o ambiente. Um dia, a falar um pouco mais alto para um dos moços, ele respondeu-me: «Que é que quer? Eu nem tive respeito à minha mãe nem a meu pai e agora havia de tê-lo a si!?!». Creio que lhe virei costas, o deixei a falar sozinho e... não se fala mais nisso!...

Estava-se fora da aldeia. E não havia telefone. Ou melhor, havia. A Escola tinha telefone. O médico tinha telefone. O prior também. Mas a central era na estação dos correios. Manual. De lá a telefonista de serviço – nas horas de serviço – dava à manivela e estabelecia a ligação. Hoje, que andamos de telemóvel no bolso a toda a hora e até somos capazes de o levar para a mesinha de cabeceira, não logramos sequer compreender o que isso significava para uma aldeia perdida entre lameiros, a quase 50 km da sede do concelho! Chegava a hora do fecho, a funcionária fechava a estação e lá calhava deixar a linha aberta para a casa do senhor doutor médico.

Um dos meus meninos sentiu-se mal durante a noite. Magricela já ele era, mas nessa noite mais magricela parecia de tanto vomitar, de tanto gemer. Não sabíamos que fazer, além de o levarmos para o quarto que servia de enfermaria. O médico não atenderia senão já de manhã. Levá-lo de carro para Bragança nem pensar! A frieza da noite, a invernia... Só restava aguardar. Logo de manhã, correu-se a casa do médico, o Dr. Bessa, que consubstanciava para mim bem a preceito a imagem do João Semana do Júlio Dinis. Não que se transportasse em mula, cavalo ou burro, mas porque tinha ar de quem, por montes e vales, quer ventasse ou chovesse, procurava resolver todas as maleitas. As desse meu menino não logrou resolver. Já não sei se ele chegou a ir para o hospital, se faleceu mesmo na Escola e a família o veio buscar. A hemoptise estava adiantada de mais...

Nesse âmbito dos socorros médicos, por mais anos que eu viva, nunca hei de

esquecer outra peripécia. Fui acompanhar os alunos a Bragança, aonde iam fazer o exame do 2º ano do preparatório. Eu era professor de Português e de Ciências Naturais. A Escola, por estar entregue a uma congregação e por os professores serem, por isso, do Ensino Particular, havia que fazer os exames numa escola pública, para se validarem assim os conhecimentos adquiridos. Havíamos saído de madrugada. Envergámos guardapós por cima do fátinho, a fim de não se chegar completamente empoeirado diante dos examinadores. Que a estrada, de macadame, além de esburacada, soprava uma poeirada imensa quando as rodas a trilhavam, num choro! Poucos quilómetros éramos andados, a aurora ainda se não fizera de aparecida e já numa encruzilhada vimos não um lobisomem ou dois mas uma patrulha da Guarda Republicana. «Estamos tramados», pensei eu de mim para comigo e nada sussurrei sequer para os moços pequenos, que precisavam era de calma, porque já lhes bastava a ideia de irem fazer exame num mundo completamente desconhecido para eles, com professores que nunca tinham visto mais altos ou mais baixos. E a patrulha mandou-nos parar. «Temos gente a mais na carrinha», cogitei eu, «vamos ser multados e como é que eu chego a tempo para a chamada dos putos?». Depois é que vimos que a patrulha não estava sozinha. Havia duas mulheres sentadas, amarrotadas em xailes negros, uma torcia-se toda. E ficámos a saber. Só há pouco a Guarda conseguira ligar para os Bombeiros da cidade, que deviam vir a caminho, porque a senhora há horas que estava com dores de parto. Se a não poderíamos nós levar. Eu olhei para o motorista. O motorista olhou parar mim. Ambos olhámos para os moços, que não estavam a perceber bem o que se passava. «Levamos?». «Levamos», disse eu, que era o responsável. A custo lá conseguimos ajeitar a senhora no banco, não sei se era a mãe que ia com ela, se calhar era. Despedimo-nos da patrulha. E seguimos viagem, agora com um pouco ainda mais de cuidado, porque a cada balanço correspondia um gemido mais. E eu a pensar «ai que a mulher me vai parir aqui no meio dos moços» Não, eu não devo ter pensado ‘parir’ mas ‘dar à luz’, só mais tarde é que viria a aprender que ‘parir’ é o termo certo. E eu a desejar que nos cruzássemos com os bombeiros. Mas qual quê? Nem vivalma! A essa hora da madrugada, bastante antes das oito, quem se iria aventurar por essa estrada poeirenta que nunca mais parecia ter fim? Quanto quilómetros faltariam? Até que apareceu a ambulância e quase não parava se não lhes tivéssemos feito muitos sinais. Saíram. Vieram ver como estavam as coisas. E sugeriram que a senhora continuasse connosco. Nem pensar! – devo ter dito eu, que afeleado estava com a hipótese de parto à força e quem é que iria cortar o cordão umbilical e atá-lo como devia e não havia água por perto e quem segurava no criança? Nem pensar! Os senhores é que sabem destas coisas de dar à luz no caminho e têm macas a preceito! Lá nos levaram a senhora. Um enorme suspiro de alívio. Já nem recordo quem era o motorista. Porventura já morreu e eu nunca consegui falar com ele a jeito sobre a ocorrência. À noite devo ter contado, ao jantar, com os pormenores possíveis, também para não ferir as eclesiásticas susceptibilidades. Ainda Mestre Bergant, o tipógrafo sabedor, estava a beber o copo de leite com que era necessário desintoxicar-se do ambiente plúmbeo da tipografia, e já a conversa e comentários se haviam espalhado pela comunidade. Nunca vim a saber – e até tinha curiosidade – se o parto havia decorrido bem, se fora menino ou menina e se poderia propor-me para padrinho, porque, na verdade, fora uma bênção termos aparecido àquela hora.

Nesse mesmo ano, duas ou três semanas depois, voltei a fazer o mesmo caminho mais do que uma vez. Nessa altura era eu quem ia fazer exame. Do 7º ano, alínea e) Histórico-Filosóficas. Foi então que, espicaçado pelos colegas, quando lhes disse que precisava de

ter, pelo menos, 14 em Filosofia para dispensar do exame de aptidão e só apanhara 10 na prova escrita, ousei bater à porta da sala, júri reunido, e, perante a sua admiração ao verem o meu atrevimento de interromper tão sacrossanto acto, eu lhes despejei, sem mais, as outras notas que apanhara e lhes pedia que me dessem o 14 de que eu precisava. Deram-no! Ao abrigo de uma alínea especial, porque o normal era fazer-se a média entre a escrita e a oral e, para eu ter 14 de nota final, precisava de ter tido pelo menos 17 no oral!... Estampou-se a alínea na pauta e escapei ao Exame de Aptidão.

Bragança ficou, também por isso, no meu imaginário, num recanto bem aconchegado do meu ser. Aquele júri consubstanciou, de facto, a gentileza, a arte de bem receber que é apanágio de todo o transmontano e dos brigantinos em particular. Foi bem saborosa para mim essa época de exames. As tílias estavam em flor, o seu doce perfume envolvia a avenida central e o ar todo. De Bragança me lembrava sempre, nos finais de anos lectivos, em Coimbra, porque também a Rua Larga tílias tem, de mui exuberante olor... Fui ver a *Domus Municipalis*. Admirei o castelo. Atravessei o Fervença, que ali corria em cascatas. Soube que as gentes do castelo diziam «vamos à vila» – ou expressão semelhante – para mostrarem a diferença entre a zona velha e a nova da cidade.

Não me lembro já de todos os colegas que tive. Assistente era também o Vidal Minga, com quem ainda hoje comunico. Esteve comigo o Inocêncio Pereira, tipógrafo, brigantino dos quatro costados, que viria a ser director do *Mensageiro de Bragança*. O director era um senhor padre, Manuel Caminha de nome, a quem os mais ‘rebeldes’ chamávamos «o senhor quê», porque, assim que se aproximava de um grupo, queria logo saber de que é que se estava a falar e perguntava «O quê?». O conselheiro – homem da disciplina – era o Padre Júlio, que andava de varinha na mão, para impor respeito e não se coibia, se necessário, de aplicar um tabefe, no momento certo.

Do Padre Manuel Caminha recordou-me o Vidal uma cena que eu já esquecera e ele não. Perguntava-se aos irmãos, no refeitório, se, para o passeio que se ia dar, se queriam chá, café ou laranja. Transcrevo:

«Tu respondeste ‘Eu prefiro ...’ O P.e Manuel Caminha, visivelmente irritado, retorquiu: ‘O Sr. prefere...?’. E o diálogo acabou por ali. Não havia que preferir. O que era isso? Naquele tempo era assim!».

Disciplina para os corrêcios, disciplina monástica para os educadores, pois então! – comento eu.

Mas quem mais me ajudou a crescer – que os demais me desculpem! – foi o Padre Albino Borges. Alto, franzino, de cabelos loiros encaracolados, viera de Macau. Era professor de Desenho e tinha um jeito enorme para ensinar as técnicas da representação. Lembro-me de se terem levado à cena duas ou três peças, quase inteiramente preenchidas com originais dele, trechos cantados, diálogos, danças... Uma festa! Nunca mais soube nada dele – e tenho pena!

000

Voltei a Bragança por duas vezes.

A primeira, a convite do Padre Belarmino Afonso, que, um dia, eu conhecera no Palácio de Sub-Ripas, em Coimbra, e daí nasceu uma grande amizade, que mantivemos até à sua morte. Fiz, a 23 de Outubro de 1991, na Escola Superior de Educação, a palestra sobre «O valor pedagógico da Epigrafia». Aproveitámos para ver inscrições nas aldeias

derredor. Fomos, com Sande Lemos, admirar Castro de Avelãs, prístino refúgio da *Ordo Zoelarum* e terminámos no cemitério local, que me despertou grande interesse pela variedade dos epitáfios. Fotografei alguns e recorde-me de o Padre Belarmino se ter admirado de ver lá as campas de brigantinos ilustres do século XIX, se não erro. E fomos à Senhora da Hedra, na Cova da Lua, donde viera a inscrição a uma divindade pré-romana; aí me apercebi, pela primeira vez, o que era uma aldeia ter de se mudar inteirinha para a encosta em frente, a fim de fugir aos ‘ares maus’...

A segunda foi mesmo num ápice. Meu pai estava terminal e eu pedi viagem de avião. 14 de Novembro de 1997. Inesquecível também esse voo, a começar por ver, sobre Lisboa e arredores, a noite a esmorecer e a aurora a raiar... Espectáculo único! Celebrava-se o Colóquio sobre o Abade de Baçal e eu apresentei a palestra «O epigrafista Abade de Baçal». Almocei deliciosas iguarias transmontanas e regresssei no voo do final da tarde, com a bênção do Senhor Bispo, para meu pai e para mim.

Um dos meus discípulos, Armando Redentor, viria a preparar dissertação de mestrado sobre a epigrafia romana do território brigantino. Pediu-me prefácio para o seu livro. E comecei assim:

Pelas madrugadas frias, soprava de nordeste vento cortante. Os estorninhos, numa algaraviada estridente, acordavam os humanos, saudavam o Sol, gritavam a alegria de estarem vivos e poderem negramente zaragatear pelos beirais dos telhados.

Além, no verde do lameiro toscamente murado, pasciam três vacas pachorrentas e há um crocitar de corvos em grande algazarra.

No passar dos meses: as gélidas manhãs a exigirem pesado agasalho e protecção de orelhas e pescoços; o sorriso das cerejeiras em flor de que, gulosas, as abelhas sugavam néctares; Verão, inferno de fugir!... Ah! O Outono do rabisco dos galelos a brincar às escondidas debaixo da parra amarelecida! O Outono das castanhas!...

Um outro mundo, senhores, de solidões e caminhos ínvios, este Nordeste transmontano e brigantino!

Não sei se o veriam assim os Romanos de há dois mil anos. Quero crer que sim, porque tudo ali me parece imutável, agarrado ao chão, de longos amores perpétuos...

Que poderá acrescentar-se para mostrar quanto Bragança me marcou na vida?¹

¹ Agradeço, mui penhoradamente, ao Secretariado Provincial dos Salesianos, na pessoa de José Armando e também de Joaquim Antunes, a pronta disponibilização das imagens que ilustram o texto.